

**educomunicação ou divulgação científica:
que caminho seguir no enfrentamento à desinformação climática?**

**edcommunication or scientific dissemination:
Which path should we take to combat climate misinformation?**

Ismar de Oliveira Soares

Professor Titular Sênior

Escola de Comunicação e Artes (USP)

Presidente

Associação Brasileira de Profissionais e Pesquisadores em Educomunicação

São Paulo, SP

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3547-4789>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17442980>

Resumo: Uma apresentação de 18 contribuições que analisam alternativas para enfrentar a desinformação no campo socioambiental. O autor parte da constatação de que a crise climática é agravada pela chamada “infodemia”, caracterizada pela difusão massiva de informações fragmentadas ou distorcidas, que alimentam o negacionismo e dificultam a mobilização social. Nesse cenário, o texto contrapõe dois caminhos: a divulgação científica tradicional e a prática educacional. A partir de seis artigos, o autor questiona o alcance do modelo clássico de divulgação científica, argumentando que a Educomunicação é uma abordagem capaz de articular ciência, diálogo e ação territorial, promovendo redes de significados, participação comunitária e integração de saberes diversos. Através de doze relatos de experiências são exemplificadas práticas educacionais implementadas em escolas, comunidades tradicionais, movimentos sociais e iniciativas intercontinentais. Entre os destaques estão a valorização da leitura e da cultura midiática crítica, a gamificação, o uso do jornalismo estudantil e de recursos como quadrinhos e cinema para mobilizar crianças e jovens. Essas práticas revelam a potência da Educomunicação em desconstruir discursos hegemônicos, estimular metodologias lúdicas e fortalecer a cidadania climática. Na conclusão, o autor sustenta que o enfrentamento da desinformação climática exige mais do que difundir dados científicos: é necessário promover engajamento afetivo, crítico e coletivo. A Educomunicação Socioambiental, já consolidada em políticas públicas no Brasil desde 2008, emerge como caminho estratégico para fortalecer processos democráticos de educação ambiental e mobilização social frente à emergência climática.

Palavras-chave: (1) Educomunicação; (2) Desinformação socioambiental; (3) Educação ambiental; (4) Cidadania climática; (5) Emergência climática

Abstract: A presentation of 18 contributions that analyze alternatives for confronting disinformation in the socio-environmental field. The text begins with the observation that the climate crisis is exacerbated by the so-called "infodemic," characterized by the massive dissemination of fragmented or distorted information, which fuels denialism and hinders social mobilization. In this scenario, the author contrasts two approaches: traditional science communication and educommunication. Through six articles, the author questions the scope of the classic science communication model, arguing that educommunication is an approach capable of articulating science, dialogue, and territorial action, promoting networks of meaning, community participation, and the integration of diverse knowledge. Twelve experience reports illustrate educommunication practices implemented in schools, traditional communities, social movements, and intercontinental initiatives. Highlights include the valorization of reading and critical media culture, gamification, the use of student journalism, and resources such as comics and cinema to mobilize children and young people. These practices reveal the power of Educommunication in deconstructing hegemonic discourses, encouraging playful methodologies, and strengthening climate citizenship. In conclusion, the author argues that confronting climate disinformation requires more than disseminating scientific data: it is necessary to promote affective, critical, and collective engagement. Socioenvironmental Educommunication, already consolidated in public policies in Brazil since 2008, emerges as a strategic path to strengthen democratic processes of environmental education and social mobilization in the face of the climate emergency.

Keywords: (1) Educommunication; (2) Socioenvironmental disinformation; (3) Environmental education; (4) Climate citizenship; (5) Climate emergency

Apresentação

O dossiê *Educação Ambiental Climática* da revista *Letramento SocioAmbiental* coloca à disposição dos gestores de programas de Educomunicação Socioambiental, bem como dos docentes dedicados à formação da novas gerações, uma série de artigos que, ao abordar o tema do enfrentamento à crise climática, compara a eficácia de dois diferentes procedimentos colocados a serviço dos processos de socialização de informações coerentes com as necessidades e demandas do momento: de uma lado, a divulgação científica e, de outro, a prática educacional.

O eixo temático é constituído por 18 (dezoito) contribuições reunidas em duas unidades textuais. Na primeira, o leitor encontra seis artigos com reflexões em torno aos desafios que a desinformação sistemática impõe às propostas educativas que buscam dar conta de reverter o negacionismo e a inércia que alienam as novas gerações, especialmente quando o tema é a emergência climática. Já na segunda, privilegia-se a sistematização de 12 experiências, com relatos que apontam em direção à prática educacional como um caminho de mobilização de crianças e jovens, no contexto de processos direcionados a privilegiar uma educação crítica construtivista.

Os artigos

Em questão o poder messiânico da “divulgação científica”

O conjunto de seis artigos parte do pressuposto de que é necessário planejar as modalidades de comunicação caso a meta dos defensores do meio ambiente seja a de fazer frente à “crise da informação” que, sob a designação de *infodemia*, vêm desestruturando o processo de produção e troca de dados sobre temas vitais para a vida em sociedade, como é o caso do colossal volume de mensagens voltadas ao âmbito do equilíbrio ecológico.

No caso, na perspectiva da teoria funcionalista de comunicação, caberá aos detentores dos dados - sejam os profissionais da informação (editores, jornalistas, publicitários), os profissionais da pesquisa (cientistas do campo) ou mesmo os militantes da causa - optarem por uma das modalidades clássicas de sistematização e socialização das informações que julguem de interesse para os públicos receptores. Temos aí, em primeira mão, a “informação” (a notícia, a reportagem, as crônicas e os editoriais, reforçados - quando as circunstâncias o permitam - pelos recursos próprios da mídia em uso). O público - acostumado com a indústria da cultura - saberá onde buscá-la, seja nos meios impressos, nos audiovisuais ou nos digitais.

A dúvida que se coloca é a de saber se a informação, assim embalada, será suficiente para fazer frente aos diversificados graus de interesses de cercam o tema do meio ambiente.

Na verdade, o tema gerou, no passado (desde as longínquas décadas de 1960 e 1970), um forte movimento em favor da denominada “comunicação alternativa” ou “popular”, que se colocava ao lado (ou mesmo em oposição) à comunicação da indústria cultural, complementando-a ou — quando necessário - confrontando-a.

Uma prática que se espalhou pela América Latina a partir de uma perspectiva colaborativa e solidária, na defesa dos interesses dos pequenos, defendida por agentes culturais como o brasileiro Paulo Freire, o boliviano Luiz Ramiro Beltrán, o paraguaio Juan Luis Díaz Bordenave e o argentino Mario Kaplún, entre tantos outros. Foi justamente na confluência entre uma comunicação com matriz necessariamente dialógica e uma educação com vertente exponencialmente popular, ambas direcionadas à consolidação de ecossistemas comunicativos democráticos, que emergiu o que hoje denominamos como “prática educomunicativa”.

Foi justamente sobre uma tal prática - voltada à defesa do território e à sua preservação para as futuras gerações - que nasceu e se consolidou, nos inícios da presente década, o conceito de Educomunicação Socioambiental, para designar o esforço de se promover processos comunicativos que tenham no bem-viver coletivo sua razão e sua meta.

A prática educomunicativa não substitui o exercício funcional da comunicação, de caráter profissional, no âmbito da comunicação midiática, mas pode iluminá-lo sempre que as metas estejam cingidas ao bem comum. O que, sim, faz de próprio, é favorecer que os grupos sociais se mobilizem fazendo uso — eles mesmos - das práticas comunicativas dialógicas, participativas e solidárias.

Assim, tanto a prática funcional quanto a alternativa têm espaços para o exercício comunicativo no amplo território que se apresenta como nosso viveiro sobre a face da Terra. As vivências que reunimos a seguir, falam justamente desta prática, disseminada em projetos... pequenos ou médios (a maioria); grandes e intercontinentais (alguns deles)!

O que os artigos reunidos colocam em debate é a eficácia do poder até hoje atribuído à denominada “divulgação científica”. O que propalam é a necessidade de uma diversificação nos modos de comunicação, através da adoção da já referida “prática educomunicativa”, nas mãos das próprias comunidades.

Vejamos, texto por texto:

O artigo **anatomia social do negacionismo climático: desinformação, percepções sociais e desafios para a educação ambiental**, de Lucas Perillo, vai direto ao ponto, ao considerar que a mera difusão de informações não é suficiente para mudar parâmetros de pensamentos, levando em conta que a recepção de informações é filtrada por camadas de preconceitos que vão se consolidando ao longo do tempo. Em reforço à sua percepção, esclarece o autor que *“a adesão ao ceticismo climático é decorrente de fatores*

sociopolíticos, especialmente por alinhamentos ideológicos”, alertando para o fato de que:

... apesar da difusão de dados e informações testadas e devidamente apuradas por procedimentos profissionais da área do jornalismo, o discurso antiambientalista vem ganhando terreno, organizando-se justamente como reação a avanços nas agendas de sustentabilidade e justiça socioambiental.

Nessa linha, Perillo é duro em sua análise:

Não se trata, pois, de embates entre pontos de vistas alicerçados em investigações científicas, mas de confrontos por interesses que perpassam o tema ambiental.

Em decorrência, ao seu final, artigo destaca a necessidade de que a educação ambiental climática incorpore estratégias de mediação crítica educacional que favoreçam experimentos voltadas ao enfrentamento da desinformação através de vivências em contextos locais.

É nesta mesma rota que Cayo Scot e Ana Isepan-Motta avançam, ao trabalhar o tema **educomunicação e divulgação científica: convergências como alternativa às crises climática e científica**. Os autores, de forma igual, colocam em dúvida “o poder messiânico da divulgação científica”, sempre que a esta não esteja acoplada uma prática reflexiva que leve à ação nos territórios. No caso, como alternativa, sugerem uma convergência programática entre “comunicação pública da ciência” e “educomunicação”.

Os autores dos dois primeiros artigos não estão sozinhos: Danilo de Sá reforça a mesma argumentação no texto **para além da divulgação: educomunicação e compreensão complexa das mudanças climáticas**. O pesquisador parte do pressuposto de que “comunicar ciência climática exige mais do que transmitir fatos: demanda a construção de redes de significados que integrem diferentes saberes e formas de expressão”. Na conclusão de seu texto, afirma:

A educomunicação emerge como estratégia potente para: (1) abordar a complexidade multidimensional das mudanças climáticas; (2) incorporar controvérsias e incertezas como parte constitutiva do conhecimento científico; e (3) promover diálogos entre saberes científicos, escolares e comunitários.

Os textos que vêm na sequência, finalizando a série dos artigos, voltam-se para a natureza das mobilizações educacionais que começam a ganhar corpo em setores distintos da sociedade, representados (1) pelas organizações sociais; (2) pela educação formal e (3) pelo mundo corporativo.

É o caso do artigo **emergência climática e desinformação: caminhos para uma comunicação ética e transformadora**, de Vanessa Vantine, que traz um recorte de informações obtidas por um levantamento de dados junto a 200 instituições e movimentos sociais brasileiros relacionados ao contexto da desinformação climática. Trata-se de uma ação integrada ao projeto de pesquisa em desenvolvimento pelo NCE/USP, tendo como título: “*Como a Educomunicação pode ampliar e qualificar as práticas de Educação Ambiental Climática na Educação Básica no Brasil?*”, identificado também como “*Educom & Clima*”. Segundo a autora, conhecer como estes grupos trabalham a comunicação permite aquilatar como vem ocorrendo o esforço da sociedade civil em promover uma prática de mobilização educ comunicativa coerente com as necessidades do momento.

Sabrina Anicio e Ariane Lourenço, em **escolas sustentáveis: o que diz a literatura científica** trazem, por sua vez, os resultados de investigação sobre como o conceito de "escola sustentável" tem sido abordado em artigos científicos. Identificam, por exemplo, o crescimento exponencial de publicações sobre o tema, com pico em 2024, demonstrando que o assunto já preocupa as políticas públicas de educação ambiental integral. As conclusões que apresentam têm o potencial de colaborar com as políticas públicas para a (re)estruturação de escolas em espaços educadores sustentáveis.

Finalmente, Sandra Roza & Sabrina Roza, em **comunicação esg: no centro das conversas socioambientais** trabalham a partir do conceito de *Environmental, Social and Governance*, discutindo políticas de comunicação sobre o tema ambiental implementadas por parte do setor empresarial, em suas relações com a mídia e com a própria sociedade, com o intuito de favorecer uma comunicação “para” e “com” as comunidades, fugindo, assim - segundo as autoras - de práticas baseadas em mera divulgação de relatórios.

Relatos de experiências Mobilizar através da Educomunicação

O conceito de mobilização em favor da cidadania ambiental, mediante o emprego dos referenciais da Educomunicação, perpassa o conjunto dos relatos que compõem a segunda parte do presente eixo temático.

Dada a diversidade das abordagens dos Relatos de experiências, reunimos as contribuições em cinco subtítulos, a saber:

- I. Diversidade, abrangência e foco, na luta pelo clima (De 01 a 03);
- II. Desconstrução e reconstrução coletiva do conhecimento (04 e 05);
- III. A valorização do lúdico como metodologia (06 e 07);
- IV. O jornalismo contra a desinformação (08), e
- V. Reflexões a partir da pesquisa Educom & Clima (De 09 a 12).

I – Diversidade, abrangência e foco, na luta pelo clima

— De que estamos falando?

De um rompimento das fronteiras da linguagem, somado à rearticulação das fronteiras dos territórios, vivenciados em experiências distintas, em favor da justiça climática.

O primeiro relato, de autoria de Okamoto, intitulado **educação ambiental em essência: ler para uma criança é revolucionário**, aponta para a importância de uma formação sistematicamente voltada para a leitura — desde os primeiros anos de vida — tendo em vista uma educação ambiental abrangente, em um mundo capturado pela desinformação propalada pelas redes sociais.

O segundo texto, **confabulando: educação transmídia e desinformação na crise climática**, de autoria de Geane C. et al., prioriza ações de sustentabilidade em contexto de crise climática, com ações em escolas públicas localizadas em Moçambique e no Brasil. O projeto busca estimular o reconhecimento de marcas enunciativas da desinformação em conteúdos relativos à questão ambiental. Para tanto, desenvolve estratégias lúdicas e sustentáveis para favorecer a formação, junto a professores e alunos de dois países, de hábitos de consumo midiático cada vez mais críticos e sofisticados.

Já o terceiro relato, de Andrade & Gobi, sobre a **educomunicação na Amazônia: resistência epistêmica e justiça cognitiva nos territórios tradicionais**, analisa práticas educacionais como estratégias de resistência ao integrar comunicação comunitária, pedagogia decolonial e justiça ambiental, em um ecossistema complexo como o da floresta amazônica. Este artigo examina experiências como as da *Rádio Yandê* e da *Rede Macoronga*, que articulam saberes tradicionais, línguas originárias e narrativas insurgentes. Os resultados demonstram que essas práticas reconfiguram regimes de visibilidade e de produção de conhecimento, desafiando políticas educacionais hegemônicas e modelos extrativistas de comunicação.

Os três documentos nos mostram que o paradigma educacional enriquece os projetos de educação ambiental justamente por seu potencial de iluminar as práticas através de narrativas que enriquecem a diversidade, a abrangência e o foco de cada experiência. A diversidade se manifesta nas peculiaridades das histórias narradas; a abrangência aponta para o universalismo da luta a ser implementada (no caso, ações intercontinentais e na Região Amazônia) enquanto o foco permanece o mesmo: mobilizar, coletivamente, as mentes e os corações da infância e da juventude para que se lancem à luta, onde quer que se encontrem e sem hesitação.

II – Desconstrução e reconstrução coletiva do conhecimento

O texto de Scarcella & Yanaze, intitulado **estratégias discursivas do agronegócio brasileiro: implicações para a consciência alimentar infanto-juvenil** problematiza, junto a estudantes do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, as estratégias discursivas do agronegócio brasileiro e suas implicações na formação da consciência alimentar infanto-juvenil.

Neste caso, o processo educacional de análise enfatiza a desconstrução de terminologias manipuladoras como “defensivos agrícolas” em substituição a agrotóxicos, “melhoradores de solo” para fertilizantes químicos e “biotecnologia” para organismos geneticamente modificados: todas, estratégias retóricas de ocultação dos impactos socioambientais. O trabalho educacional culmina na construção colaborativa de um jogo de cartas composto por cinquenta unidades, articulando categorias analíticas sobre alimentos funcionais, agricultura familiar e sistemas agroecológicos. Os resultados mostraram que a estratégia de gamificação, associada à educação, promove desenvolvimento da capacidade discente frente aos discursos midiáticos hegemônicos, estabelecendo-se como um efetivo processo de proteção aos incautos e desavisados.

Em um caminho inverso, na linha da construção coletiva de conhecimento, Silva et al. oferecem um relato minucioso sobre uma prática de educação midiática por eles intitulada **cientistas para não cientistas: educação, popularização da ciência e desinformação climática**.

Baseados em pesquisas junto a jovens de quatro regiões do Brasil (Norte, Nordeste, Sul e Centro-Oeste) que assinalaram para um alto grau de interesse por ciência e meio ambiente, mas que conviviam com domínio mediano na identificação de notícias falsas, os autores colocaram em desenvolvimento uma proposta de educação midiática composta de seis fases (diagnóstico participativo, formação, oficinas de produção multimídia, gestão de redes, mostra final e avaliação) a ser executada em um semestre letivo.

A proposta - que tem como fundamentos teóricos a Educação Socioambiental, a popularização da ciência e o letramento midiático-científico - destina-se a consolidar, nos espaços escolares, políticas de letramento socioambiental que tenham como método justamente a construção coletiva do conhecimento em favor da luta ambiental.

III – A valorização do lúdico como metodologia

Baseadas em tese doutoral sobre Comunicação e Informação, defendida na UFRS, em 2021, sob o título “O uso de dispositivos de Realidade Virtual para conexão de crianças e adolescentes com a natureza”, Freitas & Fragozo propõem refletir sobre o uso de passeios virtuais com vídeos 360

graus de áreas verdes como recurso didático para o desenvolvimento de educação para o clima. É o que revela o projeto intitulado **passeios virtuais e literacia ambiental: relato de uma experiência com vídeos**. Neste trabalho, as autoras dão especial ênfase a um trabalho de formação dirigido a jovens que teve como espaço de observação a Amazônia brasileira. No relato, também são apontadas as potencialidades de outras experiências lúdicas incorporadas ao desenvolvimento de competências cognitivas relacionadas à cibercultura.

E é justamente na linha voltada para experiências lúdicas que Neves analisa práticas de **educação climática gamificada**, vinculadas ao projeto *Escape Climate Change Brasil*, em implementação junto a *Redes da Maré*, no Rio de Janeiro. O jogo, intitulado *Missão Climática: Jovens em Ação*, propõe uma experiência imersiva e cooperativa, baseada na resolução de problemas. Os estudantes assumem papéis de diferentes personagens sociais e enfrentam desafios que abordam as causas estruturais da crise climática, seus efeitos desiguais sobre territórios e populações, a desinformação e os possíveis caminhos para soluções sustentáveis. A proposta convida à reflexão crítica e coletiva, mobilizando habilidades cognitivas e socioemocionais, com foco na formação de sujeitos ativos e engajados com a transformação de suas realidades.

IV – O jornalismo contra a desinformação

Na linha das experiências envolvendo a mobilização coletiva de jovens em favor da luta ambiental, vamos encontrar o relato sobre a cobertura dos alagamentos em Vitória da Conquista, Bahia, promovida por estudantes de jornalismo da UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia) e descrita em texto de autoria coletiva (Carmen Carvalho et al.), sob o título **mudanças climáticas, apuração jornalística e desinformação**. A matéria em questão teve como foco principal abordar os impactos ambientais e sociais provocados pelos eventos extremos na cidade, associando-os ao debate mais amplo sobre as mudanças climáticas. Ao longo do processo de produção do texto, finalmente publicada no site *Avoador* (avoador.com.br), os discentes foram orientados a aplicar técnicas de apuração, verificação e análise de dados, com ênfase na checagem de informações e no enfrentamento à desinformação ambiental. Segundo os autores do relato, a experiência integrou práticas de jornalismo investigativo com princípios da educação climática e midiática, fortalecendo a formação crítica e técnica dos estudantes.

V – Reflexões a partir da pesquisa Educom & Clima

Trazemos para o final dos relatos quatro textos produzidos por integrantes da pesquisa *“Como a Educomunicação pode ampliar e qualificar*

as práticas de Educação Ambiental Climática na Educação Básica no Brasil?”. Os textos, além de descreverem a natureza da proposta formativa implementada pelo Núcleo de Comunicação e Educação da ECA-USP, chamam a atenção para o papel protagonista que cabe ao estudante exercer no processo de educação ambiental, apontando, finalmente, para inexistência de “recurso menor” nas práticas voltadas ao uso dos meios de comunicação em favor da defesa do meio ambiente.

O primeiro dos quatro relatos, **educomunicação e educação ambiental climática: experiência formativa na rede municipal de são paulo**, de autoria da pesquisadora F. Lazar, analisa a formação oferecida a educadores/as, entre fevereiro e maio de 2025, em um trabalho que teve como objetivo ampliar o repertório crítico e metodológico dos docentes, permitindo que, ao término da proposta formativa, oferecessem – mediante a socialização de informes sobre ações educacionais realizadas nas escolas – elementos que viessem a enriquecer o conteúdo e a metodologia do curso a distância sobre a emergência climática a ser oferecido a docentes de todo o país, em plataforma digital do MEC.

Um segundo relato, de autoria de Torres & Duarte, que tem como título **educomunicação e mudanças climáticas: a voz dos estudantes na construção de soluções locais**, cumpre a mesma função do texto anterior: a de introduzir, no cronograma do curso a distância, uma súpula narrando a iniciativa de educomunicação socioambiental desenvolvida por estudantes das escolas públicas da cidade de São Paulo.

A metodologia do projeto em questão contemplou mapeamento de riscos, produção de conteúdo jornalístico, campanhas comunitárias e a formação de redes colaborativas. O estudo analisou os impactos desta iniciativa na educação ambiental crítica, destacando sua capacidade de mobilizar e transformar realidades locais.

As terceira e quarta contribuições, de pesquisadores do Educom & Clima, têm como objeto o uso de recursos da comunicação na prática educacional voltada à emergência climática. Os autores trabalham, em seus respectivos textos, de um lado, o menos valorizado deles (os quadrinhos) e, de outro, o mais referendado (o audiovisual), colocando ambos a serviço da educação ambiental. Trata-se dos textos de V. Romera intitulado **você quer que eu desenhe? visão educacional do uso de quadrinhos para a educação climática** e de R. Munhoz, cujo título é **cinema e educomunicação: respostas à fragmentação do pensamento climático**.

Romera entende que, apesar da HQ ser considerada como recurso de menor importância pelo campo de estudos de mídia, seu uso na educação climática traz benefícios, levando em conta a ludicidade de seu processo de produção, como ficou demonstrado no levantamento de organizações feitas pelo *Educom & Clima*. Já Munhoz destaca o potencial do audiovisual. Argumenta que a sensibilidade estética promovida por essa linguagem contribui de forma expressiva para o engajamento de educadores/as e

estudantes, além de favorecer a construção de compreensões mais integradas, reflexivas e transformadoras sobre os desafios socioambientais contemporâneos.

A título de conclusão

Como afirmamos, no primeiro parágrafo desta Apresentação, o Eixo Temático 3 do dossiê **Educação Ambiental Climática** buscou abordar o tema do enfrentamento à crise climática a partir de procedimentos que tornassem eficazes as ações voltadas a mobilizar o sistema educativo – representado especialmente pela juventude – na defesa do meio ambiente, mediante o combate à desinformação climática.

Para tanto, os editores dispunham de 18 contribuições voltadas ao tema, recolhidas a partir de uma chamada específica lançada como desafio aos pesquisadores e gestores de projetos na área. O dossiê finalmente ganhou vida no momento em que foi possível identificar os elementos que articulavam o pensamento e as intencionalidades dos autores. Foi possível, então, distribuir os textos em duas unidades de tratamento: artigos reflexivos e relatos de experiências.

De imediato, identificou-se que uma pergunta básica passou a dar sustentação aos argumentos trabalhados pelas duas modalidades de textos (os seis artigos e os 12 relatos de experiências):

— Que caminho seguir no enfrentamento à desinformação climática: a clássica “Divulgação Científica” ou o recém-identificado caminho da “Educomunicação”?

A conclusão deixou evidenciado que a gravidade do momento exige que não apenas divulguemos dados e reflexões sobre o tema, mas que promovamos engajamentos próximos aos que nos mobilizam quando vemos nossa casa em perigo. É aí quando a Educomunicação tem sua serventia!

Quem entendeu a razão desta práxis foi ninguém mais, ninguém menos do que os responsáveis pelo próprio Ministério do Meio Ambiente que, a partir da primeira década do século, em um diálogo com grupos sociais, entre os quais encontra-se o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, identificou e sistematizou o conceito de **Educomunicação Socioambiental**, produzindo um documento que passou para a história do movimento educacional na América Latina¹. Este é um conceito que já chegou a 20 milhões de crianças e adolescentes e seus educadores, em todo ao país, dando sustentação às seis edições das

¹ COSTA, Francisco de Assis Morais da (Org.) (2008). **Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação**. Brasília: MMA. Disponível em: https://antigo.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/txbase_educom_20.pdf
Acesso em: 04/10/2025.

Conferências Nacionais Infantojuvenis pelo Meio Ambiente, realizadas entre 2003 e 2025.

A revista *Letramento SocioAmbienta*l se soma a este esforço!

Sobre o autor

Ismar de Oliveira Soares, que é bacharel em Geografia e História pela Faculdade Salesiana de Lorena (1965); jornalista pela Faculdade Cásper Líbero (1970); mestre (1980) e doutor (1986) em Ciências da Comunicação pela USP, com pós-doutorado (2000) pela *Marquette University Milwaukee*. É Professor Titular Sênior da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, no qual implementou em 2011 a Licenciatura em Educomunicação. Presidente da ABPEducom – Associação Brasileira de Profissionais e Pesquisadores em Educomunicação (www.abpeducom.org.br).